

Acervo ISA

JOÃO AMÉRICO PERET

Memórias de um sertanista (II)

TPR 11111



CEDI
1.628
1/4/75

KOKO

Relato a JOAREZ FERREIRA



Oí



Durante alguns dias, os Tapaiúna (beißos-de-pau) observaram o acampamento de Peret, até acreditarem que não lhes fariam mal.



A amizade do sertanista com Kokoí facilitou a tarefa de atração e o aprendizado da língua tapaiúna.

UM GUERREIRO CONQUISTA OS BRANCOS

Em seus 23 anos de trabalho pelo índio, o sertanista João Américo Peret viveu uma experiência fascinante na região do Rio Arinos, em Mato Grosso. Foi o primeiro a manter contato amistoso com os índios Tapaiúna (beißos-de-pau), ficando com

êles durante cinco meses. Peret conseguiu cativá-los e fez amizade com um forte e inteligente nativo, Kokoí, que lhe ensinou o dialeto tapaiúna e contou a maneira como os índios interpretavam a aproximação com o homem branco.



“POUCO A POUCO, TIVE A CONFI- ANÇA DE KOKOÍ”

Uma semana depois que instalamos nosso posto de atração, conheci Kokoí, que se aproximou com outros guerreiros. Ele se destacava por ser arisco. Era um “brabo”. Pouco a pouco, com muito jeito, fui ganhando a confiança desse índio, que chegou a me dar o seu “akokakô” (disco labial) como prova de amizade.

Numa de nossas penetrações para caçar, Kokoí, a certa altura do rio, começou a apontar para a outra margem. Apontava, gesticulava e falava muito agitado. Seus gestos indicavam que ele havia atirado flechas em brancos (caraíbas) que tinham fugido. Percebi que Kokoí pretendia contar-me a história. À medida que os dias passavam, eu mais me aprofundava no dialeto deles, que é semelhante ao caiapó, que falo fluentemente. Então, em pouco tempo, consegui entender o que Kokoí queria me transmitir. Pela primeira vez, um índio contava o que significava a aproximação do homem branco para os nativos.

Contou que alguns caraíbas haviam se localizado na outra margem do rio. Atravessaram de barco para a margem esquerda, onde, aproveitando uma pequena clareira aberta pelos índios, depositaram algumas ferramentas. Os brancos demonstravam insegurança, medo, sempre olhando para a mata e o rio. Depois, entraram na embarcação e afastaram-se em direção à margem direita. Então, Kokoí e outros guerreiros vieram rapidamente e recolheram todos os objetos. Quando os brancos olharam e não viram mais as ferramentas, voltaram em direção aos índios que, pensando terem caído numa cilada (as ferramentas teriam servido de isca), receberam os brancos com flechas, mas sem intenção de matá-los. Estavam tão perto que seriam alvos fáceis demais. Apenas um

deles, que os índios já conheciam de uma invasão anterior ao seu território, recebeu uma flechada na perna. Mesmo sendo inimigo reconhecido, os índios não quiseram matá-lo, pois não desejavam guerra com os caraíbas.

Só para assustar

An-te a reação dos índios, os brancos fugiram como puderam para a outra margem do rio. Os guerreiros riram bastante da situação incômoda dos brancos e resolveram aumentar o seu susto. Voltaram à aldeia, reuniram maior número de guerreiros e, à noite, atravessaram o rio em toras de pau, um pouco mais acima do acampamento dos caraíbas, e passaram a noite toda fazendo ruídos para assustá-los. Os brancos tinham um cachorro, que foi flechado. Depois, os guerreiros jogaram flechas nas árvores em volta das barracas dos brancos. Os índios estavam tão tranquilos e seguros que, para espantar o frio da madrugada, acenderam fogueiras. Aí os brancos ficaram mais amedrontados ainda.

Mal o dia clareou, os índios aumentaram o barulho no mato. Os caraíbas correram para a embarcação e um deles, que se parecia com índio, atirou-se ao rio. O motor do barco não funcionou. Os brancos pegaram os remos — e remaram também com as mãos e pedaços de pau. O barco saiu devagar. O homem que parecia índio e que

estava na água gesticulava como se estivesse pedindo socorro. Depois, o *reotu* (motor = barulho de trovão) funcionou, eles voltaram e pegaram o homem que caíra na água e foram embora sem olhar para trás, Kokoí e os outros guerreiros festejaram muito o seu feito, destruíram as choças dos brancos, jogando as coberturas (de um material diferente) no rio. Lançaram na água também as armas, que eles não sabiam usar, e outros objetos. Depois tocaram fogo no que restou. Atravessaram o rio novamente em suas toras de madeira (tipo jangada) e foram festejar na aldeia.

— *Kati amun kuben* (o branco foi embora) — disse Kokoí.

Kokoí me falou que alguns daqueles brancos se vestiam como mulheres. Compreendi, então, que eram padres. Para confirmar a veracidade da narrativa, peguei uma embarcação e fui ao local indicado, junto com Kokoí e outros guerreiros. Lá, os índios mergulharam no rio e retiraram vários objetos. Verifiquei que eram latas de conservas, caixas de óleo de motor, armas e folhas de zinco, usadas na cobertura das choças. Entendi que aqueles brancos eram os padres jesuítas da Missão do Diamantino que, desde o início de 1968, tentavam oficialmente contato com os índios Tapaiúna. Esses missionários haviam pedido autorização à Funai para fazer a atração dos índios, mas os padres nada conseguiram realizar. Eu sabia, por fontes brancas, que numa dessas expedições um dos padres havia sido flechado, mas sem grandes conseqüências, e que os índios os haviam expulsado e destruído seu acampamento. Certo é que, diante da dificuldade encontrada, os missionários devolveram à Funai a responsabilidade de atração dos Tapaiúna. Responsabilidade que me foi atribuída em fevereiro de 1969.





Caçada e bravura

Kokoí e outros guerreiros estavam caçando na sua área de circulação, próximo à margem do rio, quando perceberam uma canoa encostando. Ela trazia um rapaz, dois homens e um cachorro. O cachorro saltou tão logo a canoa encostou e correu em direção aos índios, que estavam escondidos nas folhagens. Latia muito. Então, Kokoí imediatamente matou o cachorro com uma flechada, sem que os brancos notassem. O rapaz olhou em volta, chamou o cachorro e, não ouvindo seu latido, seguiu as pegadas. Chegou muito perto dos guerreiros, que jogaram flechas nas árvores, mas sem intenção de feri-lo. Assustado, o rapaz deu um grito e correu para a canoa. Os brancos fugiram. Kokoí e seus companheiros aproveitaram a caça, isto é, comeram o cachorro. Quando chegaram à aldeia, narraram o fato e o pajé fez escarificações nos guerreiros.

(Peret não tivera conhecimento desse episódio antes. A escarificação — corte feito com dente de cutia no peito, em sentido horizontal — é executada no guerreiro cada vez que ele pratica um ato de bravura, na caçada ou na luta contra os inimigos.)

Às vésperas da atração

Kokoí e outros guerreiros foram visitar uma fazenda que estava sendo aberta na ponta norte de seu território. Apareceram no local da derrubada apenas três índios, enquanto os outros lhe davam cobertura de dentro da mata. Um branco atirou o cachorro contra os guerreiros, que correram para junto de seus companheiros. Os índios ficaram escondidos até que tiveram oportunidade de flechar o cachorro e o branco que o havia atirado. Não queriam matar o caraíba e por isso deram apenas uma flechada na barriga, para ele sofrer. Depois regressaram para a aldeia.

— Em fevereiro de 1969, o presidente da Funai determinou que eu fosse fazer um reconhecimento

da área, acompanhado de seu assessor, general Sirtho Ninno. Sobrevoamos a região, entre o Rio Arinos e o Rio do Sangue, onde avistamos onze aldeias de índios beijos-de-pau. Em algumas delas, os índios mostraram-nos objetos, como se estivessem nos oferecendo, e indicavam a direção do rio, como se quisessem que nós descêssemos. Em outras aldeias, os índios nos atiraram flechas. Regressando ao rio, fiz um plano orçamentário e um de execução, pedindo, logo, a interdição da área geográfica onde iria realizar os trabalhos de atração dos índios. Enquanto aguardava os trâmites legais do meu plano, recebemos, no Rio, telefonemas de São Paulo do senhor Apolinário, que dizia estarem alguns índios (os beijos-de-pau) visitando o acampamento de sua fazenda no Rio Arinos com o Rio Miguel de Castro, e que seus empregados estavam sem saber como agir, pois havia perigo de ataque (um homem tinha sido flechado na barriga, em um acampamento vizinho, mas escapara). Passei, então, a orientar o senhor Apolinário pelo rádio a fim de evitar qualquer atrito antes que a Funai chegasse à região. Somente em 15 de maio de 1969 pude seguir com minha expedição.

Um caraíba diferente

Kokoí e outros guerreiros viram os brancos fazendo o acampamento *Tikré* na margem do Rio (ingô) Arinos com o Tomé de França (ingôti = rio menor). Os índios ergueram tapiris de observação e mandavam os mais jovens fazer incursões no acampamento dos caraibas. Os jovens iam sutilmente e apanhavam tudo que o branco esquecia ou deixava de lado, sem vigilância. Era uma demonstração de que os garotos estavam praticando atos guerreiros. Até que a área já estava bastante aberta e chegou uma embarcação com muitos volumes. O *Ababá* (pai branco), que tomava conta dessas coisas, apresentava-se sempre desarmado e de roupa curta. Nessa ocasião, estavam no acampamento dos brancos um velho e duas viúvas índias, que receberam logo uma porção de presentes.

Kokoí entendeu que havia mais para dar. Ele e os outros guerreiros ficaram sempre de tocaia, observando se não seria um ardil para pegá-los em grupo mais facilmente. Mas notaram que o novo chefe branco não deixava ninguém usar arma e que



Respeitado, entendido como homem livre, o índio aceita a convivência com o branco.



BRANCOS E ÍNDIOS, TODOS NUMA SÓ ALDEIA



O índio é extremamente fiel às suas tradições. Na foto, ritual da tribo Jualapiti, situada no Xingu.

as mantinha numa casa fechada, onde somente ele entrava. Durante a noite, mandavam batedores olhar através das frestas das choças para verem o movimento dos brancos.

Um dia, decidiram mandar um rapazinho — que não faria falta alguma se fosse sacrificado pelos brancos — para tentar dormir junto com eles. Caso ocorresse alguma coisa de mau ao garoto, os guerreiros atacariam o acampamento. No dia seguinte, mandaram três jovens guerreiros observar como estava o rapazinho e, como ele se achasse bem, os três deram sinal e imediatamente outros guerreiros foram para o acampamento. Receberam os presentes. Comentaram que o cacique branco era muito sabido e nunca dava dois objetos iguais ao mesmo índio. Nesse mesmo dia foram algumas mulheres e crianças para ficar mais tempo com os brancos e assim mostrar que os índios não esta-

vam com intenção de guerra. Mas os guerreiros ficavam em postos de combate, sempre vigilantes. Depois as mulheres voltaram com as crianças, e os guerreiros retornaram mais tarde.

— A partir daquele dia — narrou Kokoi —, verificamos que tudo havia mudado. Ninguém mais entrava em nossa floresta e todos os movimentos eram de amizade. Mandamos vários emissários às nossas aldeias para avisar aos conselheiros que tudo ia bem. Mas, mesmo assim, aqueles mais guerreiros e intransigentes não acreditaram de boa vontade nas notícias recebidas. Alguns nos aconselharam a aprisionar os brancos mais jovens e as mulheres (eram duas) e matar os outros, antes que eles tomassem conta de toda a nossa região. E acreditavam ainda que os presentes dos brancos estavam enfeitados, pois deles surgia uma doença estranha que o pagé não conseguia curar.

Kokoi, que já tinha muitas escarificações no peito, acreditava que qualquer movimento falso do branco seria facilmente dominado por ele e os outros guerreiros.

Com o tempo, o guerreiro e seu povo passaram a confiar no cacique branco. Kokoi e os outros índios queriam que Peret e seus companheiros ficassem morando com eles.

— Kuben kanê neikã tikré abatay (os brancos e os índios, amigos, podem formar uma grande aldeia).

Missão cumprida

Após conviver 5 meses com os Tapaiúna, Peret trouxe 2 jovens índios: Tariri e Kairá.



De 15 de maio até quando deixou a região para vir ao Rio a fim de conseguir recursos para concluir sua obra, Peret levou cinco meses convivendo com os Tapaiúna que, pelo uso do akokakó, eram chamados de beijos-de-pau. Como prova da atração e da amizade, trouxe consigo dois jovens índios, Tariri e Kairá, observadores para ver como vivíamos, que ficaram hospedados em sua residência.

A experiência de sertanista deu-lhe a satisfação de ter sido o primeiro branco a penetrar no território desses índios, considerados belicosos, e consolidar o contato.

O maior problema foi ter constatado, logo na sua primeira chegada à aldeia tapaiúna, que alguns índios já estavam contaminados por brancos sem qualquer noção de sertanismo. Fazendo o papel de enfermeiro, conseguiu salvar alguns. Mas a falta de medicamentos — e principalmente de um médico em sua expedição — não lhe permitiu salvar outros.

Peret não pôde realizar o trabalho de integração. A conclusão da obra, por determinação da administração da Funai na época, coube aos mesmos missionários que antes se haviam declarado sem condições de iniciá-la, até transferi-los ao Parque.

Hoje, os Tapaiúna estão no Parque Nacional do Xingu, junto com irmãos de outras tribos.

Peret cumpriu sua missão.